

**Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)**

# **As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano**



Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)

# As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	As ciências humanas e sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (As ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-514-3 DOI 10.22533/at.ed.143190607  1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.  CDD 301
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A Atena editora apresenta o e-book “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Competências no Desenvolvimento Humano”.

São ao todo noventa e três artigos dispostos em quatro volumes e dez seções.

No volume 1 apresentam-se artigos relacionados as temáticas *Estado e Democracia; Gênero: desigualdade e violência; Identidade e Cultura e Perspectivas teóricas e produção de conhecimento*. As seções descritas possibilitam o acesso a artigos que introduzem o tema central do e-book, através de pesquisas que abordam a formação social brasileira e como é possível identificar os reflexos desta na constituição do Estado, nos espaços de participação social, nas relações de gênero e constituição da identidade e cultura da população.

O volume 2 está organizado em três seções que apresentam relação e continuidade com o primeiro volume, em que são apresentadas pesquisas que trazem como objeto de estudo as políticas de saúde, de educação e de justiça e a relação destas com a perspectiva de cidadania.

Território e desenvolvimento regional: relações com as questões ambientais e culturais, é a seção que apresenta os artigos do volume 3 do e-book. São ao todo 18 artigos que possibilitam ao leitor o acesso a pesquisas realizadas em diferentes regiões do país e que apontam para a relação e especificidades existentes entre território, questões econômicas, estratégias de organização e meio ambiente e como estas acabam por interferir e definir nas questões culturais e desenvolvimento regional. São pesquisas que contribuem para o reconhecimento e democratização do acesso à riqueza da diversidade existente nas diversas regiões do Brasil.

Para finalizar, o volume 4 apresenta 23 artigos. Nestes, os autores elaboram pesquisas relacionadas a questão econômica, e como, as decisões tomadas neste campo refletem na produção de riqueza e nas possibilidades de acesso ao trabalho e renda. As pesquisas apontam também para estratégias identificadas a exemplo da organização de cooperativas, empreendedorismo, uso da tecnologia e a importância das políticas públicas.

As pesquisas apresentadas através dos artigos são de extrema relevância para as Ciências Humanas e para as Ciências Sociais Aplicadas, e contribuem para uma análise mais crítica e fundamentada dos processos formativos e das relações estabelecidas na atual forma de organização social, econômica e política.

Desejamos boa leitura a todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

## SUMÁRIO

### ESTADO E DEMOCRACIA

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

A BURGUESIA BRASILEIRA NA CRISE POLÍTICA DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF: UM BALANÇO DA LITERATURA

[Felipe Queiroz](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906071**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 18**

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: QUAIS SENTIDOS DA “NAÇÃO” A CELEBRAR?

[Alexandre Fernandes Corrêa](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906072**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 31**

CONSELHOS GESTORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS: INSTRUMENTOS DE DEMOCRACIA PARTICIPATIVA E CONTROLE SOCIAL NO MUNICÍPIO DE CURITIBA

[Fabiana Marissa Etzel Barddal](#)

[Ricardo Lobato Torres](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906073**

#### **CAPÍTULO 4 ..... 40**

PARTICIPAÇÃO SOCIAL: AS CONTRADIÇÕES EM MEIO A CONJUNTURA ATUAL

[Eliane Fátima Voitena](#)

[Maysa Nuernberg de V. Costa](#)

[Juliana Yuri Kawanishi](#)

[Talyssa Aparecida Stremel Vieira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906074**

### GÊNERO: DESIGUALDADE E VIOLÊNCIA

#### **CAPÍTULO 5 ..... 47**

A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

[Maysa N. de Vasconcellos Costa](#)

[Talyssa Aparecida Stremel Vieira](#)

[Juliana Yuri Kawanishi](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906075**

#### **CAPÍTULO 6 ..... 57**

A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA BRASILEIRA

[Natália Schettine Marques](#)

[Milena Cirqueira Temer](#)

[Fernanda Franklin Seixas](#)

[Andréia Almeida Mendes](#)

[Lídia Maria Nazaré Alves](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906076**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
FAMÍLIAS MONOPARENTAIS E A FEMINIZAÇÃO DA POBREZA	
Virginia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1431906077	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>75</b>
HOMOFOBIA: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO IF BAIANO – CAMPUS ITAPETINGA	
Cátia Brito dos Santos Nunes	
João Diógenes Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1431906078	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>82</b>
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO DE PORTO SEGURO – BA	
Péricles Sena dos Santos Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.1431906079	
<b>IDENTIDADE E CULTURA</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>91</b>
BALATA, PARAFUSO, ENSINO E INVESTIMENTO: O TRABALHO NO ACERVO AUDIOVISUAL DO INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA EDUCATIVO	
Rafael Fermino Beverari	
DOI 10.22533/at.ed.14319060710	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>105</b>
DIÁLOGOS: BRASIL, ÁFRICA E O DESAFIO DE SANTCHO: O MACAQUINHO	
Patrícia Aparecida Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Leonardo Gomes de Souza	
Paulo César Risso de Souza	
Janilson Carvalho de Alvarenga Mendes	
Ivete Monteiro de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.14319060711	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>116</b>
DIREITO À CULTURA NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE O NEOLIBERALISMO CULTURAL	
Bárbara Cristina Kruse	
Leonel Brizolla Monastirsky	
DOI 10.22533/at.ed.14319060712	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>125</b>
IDENTIDADE E LUGAR: IMPACTOS DA IMPLANTAÇÃO DE EQUIPAMENTO COMUNITÁRIO DE GRANDE PORTE EM ÁREA HISTÓRICA NA CIDADE DE BAURU-SP	
Lucas do Nascimento Souza	
Tatiana Ribeiro de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.14319060713	

**CAPÍTULO 14 ..... 138**

O SUSTO E A ORDEM: O BARROCO COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO DO BRASIL

[Wallace Faustino da Rocha Rodrigues](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060714**

**CAPÍTULO 15 ..... 155**

TERRITÓRIO DA CIDADANIA DO JALAPÃO: RESGATE HISTÓRICO E DESAFIOS

[Maria Antônia Valadares de Souza](#)

[Heber Rogério Grácio](#)

[Airton Cardoso Cançado](#)

[Nayara Silva dos Santos](#)

[Gislâne Barbosa](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060715**

**CAPÍTULO 16 ..... 167**

IMAGEM E PODER: A FABRICAÇÃO DE LUÍS XIV E D. PEDRO II

[Cristiane Aparecida Rodrigues](#)

[Mariana Luana Martins](#)

[Lidiane Hott de Fúcio Borges](#)

[Amanda Dutra Hot](#)

[Germano Moreira Campos](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060716**

**CAPÍTULO 17 ..... 180**

AVALIAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM ARTEFATOS CERÂMICOS ENCONTRADOS EM SANTARÉM: ÁREAS 4A E 4B DO SÍTIO PORTO

[Hudson Romário Melo de Jesus](#)

[Lilian Rebellato](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060717**

**CAPÍTULO 18 ..... 193**

A QUESTÃO URBANA DERIVADA DAS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS EM ARMANDO AUGUSTO DE GODOY: A CIDADE DESEJADA SOBRE A CIDADE QUE SE TEM

[Celina Fernandes Almeida Manso](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060718**

**CAPÍTULO 19 ..... 207**

PORQUE O ESPÍRITO NÃO TEM FORMA, MUITO MENOS COR: O PRECONCEITO RACIAL E A PRESENÇA DE NÃO-NEGROS NA UMBANDA

[Mariana Datria Schulze](#)

[Andrieli do Canto Nunes](#)

[Denise Vieira Taborda](#)

[Isabela Holz](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060719**

**PERSPECTIVAS TEÓRICAS E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

**CAPÍTULO 20 ..... 218**

PROPOSTA ARQUITETÔNICA PARA UM CENTRO DE DANÇA MUNICIPAL EM PALMAS-TO

[Laryssa Aguiar Melo](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060720**

<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>232</b>
PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO: GERENCIAR PARA POSSIBILITAR O ACESSO	
Luana de Almeida Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.14319060721	
<b>CAPÍTULO 22 .....</b>	<b>244</b>
AQUISIÇÃO DE INFORMAÇÕES CIENTOMÉTRICAS A PARTIR DA WEB DE DADOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DE UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA	
Sandro Rautenberg	
Paulo Ricardo Vивиurka do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.14319060722	
<b>CAPÍTULO 23 .....</b>	<b>261</b>
O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PPGSS/UFPB: O ESTADO DA ARTE DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO VINCULADOS À ÁREA DE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL	
Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida	
Lucicleide Cândido dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.14319060723	
<b>CAPÍTULO 24 .....</b>	<b>279</b>
REFLETINDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS IMAGENS DE THÉODORE DE BRY E O TEXTO ESCRITO NA OBRA “DUAS VIAGENS AO BRASIL” DE HANS STADEN	
Wallace Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.14319060724	
<b>CAPÍTULO 25 .....</b>	<b>288</b>
UM RECORTE SOBRE O CONCEITO DE CONHECIMENTO: UMA PROPOSTA DE PERPETUAÇÃO DOS ATIVOS INTANGÍVEIS DAS ORGANIZAÇÕES	
José Carlos de Souza	
Rosane Aparecida Moreira	
Roque Kleiber Silva Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.14319060725	
<b>CAPÍTULO 26 .....</b>	<b>296</b>
A MORTE NA FILOSOFIA DE E.M CIORAN: CAMINHOS PARA O NIILISMO	
Jheovanne Gamaliel Silva de Abreu	
Luédlley Raynner de Souza Lira	
DOI 10.22533/at.ed.14319060726	
<b>CAPÍTULO 27 .....</b>	<b>305</b>
BIBLIOTECÁRIOS DAS FORÇAS ARMADAS: PERFIS E CONCEPÇÕES	
Márcio da Silva Finamor	
DOI 10.22533/at.ed.14319060727	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>321</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>322</b>

## A MORTE NA FILOSOFIA DE E.M CIORAN: CAMINHOS PARA O NIILISMO

### **Jheovanne Gamaliel Silva de Abreu**

Mestrando em Ciências da Educação pela Absolute Christian University. Pós-graduado lato sensu em Filosofia Contemporânea pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Cajazeiras (FAFIC). Licenciado em Filosofia (FAFIC). Email: jheovannedv@hotmail.com

### **Luédley Raynner de Souza Lira**

Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras- FAFIC. Email: luede\_pb@hotmail.com

**RESUMO:** O pensamento de E.M Cioran (1911-1995) define-se enquanto sumariamente niilista, pessimista e cético. Dentre suas principais divagações, defrontamo-nos com a questão da morte cuja importância é descrita em suas obras. O objetivo deste trabalho é analisar a morte na perspectiva cioraniana. Para tanto, utilizamos a metodologia referencial bibliográfica. A morte é a categoria fundamental do arcabouço filosófico cioraniano. Ela é descrita a partir da noção de totalidade, ou seja, ela aflige todos os homens. A partir da constatação da finitude do sujeito, nos desesperamos e com isso o sofrimento torna-se rotineiro das nossas existências. É este envolvimento que estabelecemos com a presença da morte que a torna como categoria fundamental na existência, sendo ela junto com o sofrimento, o desespero e a questão do

Nada, como alicerces da filosofia cioraniana. A partir desta constatação de que a morte torna-se fenômeno capital, entramos em contato com todas as desgraças possíveis da realidade. No tocante do íntimo de cada ser humano, a morte contribui com seu papel revelador, com sua qualidade de presença em cada ser, com sua inestimável atitude de posicionamento de mundo. A morte para Cioran é um dos atributos fundamentais da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desespero. Morte. Sofrimento

### 1 | INTRODUÇÃO

Emil Cioran é um filósofo romeno (1911-1995) conhecido por suas obras com caráter pessimista, niilista e cética.

A morte na filosofia de Cioran é tratada como categoria fundamental de seu pensamento. Tal conceito é permeado por todas suas obras. A importância deste artigo se dá pela necessidade de se construir uma filosofia da morte pautada neste filósofo.

O presente artigo desenvolve-se em uma análise do pensamento cioraniano, especialmente na noção pessimista e niilista do seu pensamento. A constatação da falta de sentido da existência desemboca em um niilismo mordaz e que identifica o Nada como

abismo, e um eterno buraco negro onde a conclusão deste Nada se dá através da morte.

O artigo se dará de maneira referencial bibliográfica, utilizando-se do método hipotético-dedutivo, utilizando-se das obras do filósofo Emil M. Cioran bem como seus comentadores e pesquisadores.

O homem contemporâneo destituído de virtudes e valores universais desemboca numa nulidade existencial e em um Nada fundamentador de sua vida como de sua morte. Disto decorre, a análise deste tema e deste filósofo não para apresentar uma resposta definitiva, mas para abrir caminhos para uma reflexão pautada em princípios filosóficos.

## 2 | DESENVOLVIMENTO

### 2.1 A morte na filosofia de Cioran

Os livros de Cioran denotam um alto grau de pessimismo e niilismo, fazendo com que temas como: desespero, melancolia, dor, a questão do Nada, sofrimento, perfaçam todos os seus escritos. Não mais importante é uma questão ulterior que atormenta o pensador romeno durante toda sua vida: a questão da morte.

A morte é interpretada por várias culturas e religiões, como um fenômeno metafísico e associado a libertação ou a um sentimento de posse de algo novo que não poderia ser ganho na existência terrena. As crenças mais recorrentes para designa-la são: a reencarnação, a ressurreição, e o “esquecimento eterno”<sup>1</sup>

O sentimento de morte é expresso em termos de totalidade, pois, é o único sentimento, que afligiu todos os homens, ultrapassando as paixões e outros sentimentos. Sabemos que vamos morrer e esta revelação nos causa um sentimento único de descontentamento ao saber que de forma ou de outra não mais faremos parte desta existência. O sentimento de morte é assim descrito:

Essa dilaceração que sentes no sangue como um esplendor negro que dilata as veias e se insinua no cérebro, que fulmina os nervos e te dispersa por espaços distantes superiores aos do sonho, que te decompõe no inesperado e derrama sobre as coisas um dissolvente sutil, para que, em sua dissolução, a dilaceração realize sem cessar (CIORAN, 2014, p. 155).

É este envolvimento que estabelecemos com a presença da morte que a torna como categoria fundamental na existência, sendo ela junto com o sofrimento, o desespero e a questão do Nada, como alicerces da filosofia cioraniana. A partir desta constatação de que a morte torna-se fenômeno capital, entramos em contato com todas as desgraças possíveis da realidade. Essa dilaceração prescrita pelo pensador romeno é o que torna capazes de refletir sobre as questões concernentes a tudo o que nos permeia no mundo, é a partir da morte, ou da ideia que temos dela, que

1. É a teoria de que a consciência acaba com a morte. De origem materialista, acredita que a morte é o fim de tudo, e que alma e espírito não existem e que tudo se resume a matéria.

somos levados a pensar filosoficamente. Essa dilaceração se dá de forma que não percebemos, e se dá a partir da evidenciação de que existimos, da aceitação de que não há ilusões para se apegarmos, no fundamento de que os sonhos aos quais nos apegamos não passam de meros espectros que são dissipados a uma simples reflexão sobre a existência.

A morte é uma coisa da qual nenhum homem pode escapar, nisto reside sua intransponibilidade e o fato de que nenhum ser vivo poder vencê-la. Podem-se expor quaisquer argumentos, quaisquer discursos que a morte continuará invicta e recairá de maneira única sobre todos os homens. Sobre este não-vencer do homem sobre a morte:

Ninguém venceu a obsessão da morte pela lucidez e pelo conhecimento. Não existia nenhum argumento contra ela. Ela não tem do seu lado a eternidade? Só a vida tem que defender-se sem trégua; a morte já nasceu vitoriosa. E como não vai ser vitoriosa se o nada é seu pai e o horror, sua mãe? Só podemos vencer a morte desgastando-a. A penetrante obsessão que sentimos por ela nos desgasta e, por sua vez, se desgasta (CIORAN, 2014, p. 151).

Este aforismo cioraniano defronta-nos com o apego demasiado a morte que o teórico franco-romeno ambienta-nos perante todo seu constructo filosófico. Seria possível não conhecer o sentimento do falecimento? Esse sentimento tornou-se exclusivo dos homens. Esse envolvimento entre o homem e a morte é muito forte e representa todas as nossas lamentações perante a morte e aos sentimentos que ela traz. Se dá a partir da constatação de que a nossa existência é um fardo e que a morte é a libertação deste peso que carregamos ao nascer. Conhecer o sentimento de morte diz respeito a acostumar-se com a ligação que ela nos causa, desgastando-a estamos nos habituando a ela e só assim conseguimos vencer o terror que só ela causa.

O sentimento que a morte nos causa é universal e verificada por todos os seres vivos, mas apenas os animais racionais conseguem fazer deste sentimento uma empreitada existencial. Este elã oferecido pela morte nos transporta também para um fato, a certeza da qual adotamos o fato de que iremos morrer. Mas é possível não se querer morrer, ou ter a ilusão de que não se morre. Cioran explica assim uma dualidade entre querer e não querer morrer, ou não ser atingido pelo sentimento da certeza da morte:

Conhecer *pela última vez* a morte significa estar certo de que se vai morrer e de que não se quer morrer. O que de único existe no ser humano tampouco acredita que seja possível morrer, de modo que à visão lúcida e definitiva da morte se opõe a desesperada resistência da unicidade e da afetividade. Quanto mais sentimos a morte, mais violentamente reage contra ela o sentimento, desta maneira uma ilusão consciente abre para o homem uma enganosa porta por onde acredita escapar da certeza da morte. O sentimento comum da morte poderia ser definido como uma *probabilidade certa* (CIORAN, 2014, p. 153, grifos do autor).

Esse conhecer último na morte é a afirmação de que a morte nos revela como impossível de ser concretizada aos nossos olhos, ou seja, não queremos nos

desprender da ilusão que possuímos ao oferecer total apego à vida. Esse apego total à vida desloca-nos a uma ingenuidade perante a bestialidade do mundo<sup>2</sup>. Essas ilusões sobre a morte são frutos, principalmente, da nossa crença em algo metafísico e essa inclinação para crer em um deus, ou em vários. A partir deste agarramento a fé, somos situados em uma esperança errônea de que podemos nos desvencilhar da morte ou do problema que ela carrega. Afirma Pecoraro:

*Imaginação e esquecimento* surgem ali como condições de possibilidade da própria possibilidade à qual o homem se agarra. É graças a sua faculdade de imaginar – que pode receber da vida algo melhor do que as ruínas que o esmagaram – e à imensa capacidade de esquecer – que o leva a ignorar os vislumbres (ou os abismos) de lucidez que o invadiram trazendo à luz um “tudo é vão” fulgurante e sem apelação, ou a evidência até banal da própria miséria e da inutilidade de todo esforço e ação -, que é possível avançar, esperar, (sobre) viver (PECORARO, 2004, p. 33, grifo do autor).

É a partir das categorias descritas pelo comentador que o homem torna-se capaz de amenizar um pouco o efeito da morte sobre a sua vivência enquanto ser que sofre. Mas, no pensamento cioraniano, não há uma escapatória para o problema do sofrimento ou da morte, não há como superá-los. Estas condições que compõem o arcabouço da amenização destes problemas surgem enquanto alternativa para transformar a existência em uma ilusão. Transformada, adquire uma suavização, contudo, torna o homem um ser constituído exclusivamente por espectros que o colocam fora dos reais problemas da realidade.

Em Breviário de decomposição, o teórico tece uma caracterização mais específica sobre a morte, estabelecendo-a enquanto o que há de mais claro, mas ao mesmo tempo o mais confuso, aos nossos olhos e as nossas consciências, ela nos coloca acima de todos os outros seres, não em uma espécie de hierarquia, mas na característica singular que o sentimento causado nos atinge. Sobre a característica incipiente dela:

É porque ela não repousa sobre nada, porque carece até mesmo da sombra de um argumento que perseveramos na vida. A morte é demasiado exata; todas as razões encontram-se de seu lado. Misteriosa para nossos instintos, delinea-se, ante nossa reflexão, límpida, sem prestígios e sem os falsos atrativos do desconhecido (CIORAN, 2011 a, p. 22).

O finamento tem, em si, qualidades que a tornam como uma a única certeza possível desta existência, e o fato dela constituir-se enquanto tal impossibilita a aparição de outra. Tudo desemboca nela, tudo deriva da sua fatalidade brutal e isso a torna impossível de ser questionada, reprovada ou interpelar qualquer coisa contra ela. Ao mesmo tempo, carrega mistério e asseveração, escuridão e luz, certeza e dúvida, ela define-se enquanto aquilo que é, pelo que é, pela qualidade de não poder ser outra coisa a não ser ela mesmo, ela não se transforma, não se metamorfoseia, não se extingue e não se completa em nada.

2. Cioran acreditava que o mundo não mantinha uma ordem nas coisas. O mundo era regido pelo Caos, pelo Vazio e desembocava em um Nada. Conforme Cioran: “A desintegração do mundo representa um processo contrário à evolução cósmica, um processo inverso e retrospectivo” (CIORAN, 2011 c, p. 109).

No tocante do íntimo de cada ser humano, a morte contribui com seu papel revelador, com sua qualidade de presença em cada ser, com sua inestimável atitude de posicionamento de mundo. Daí o fascínio que ela causou em Cioran. Sobre esta presença que nos é comum da morte, assim escreveu:

Mas há algo que vem de nós mesmos, que é nós mesmos, uma realidade invisível, mas interiormente verificável, uma presença insólita e imutável, que se pode conceber a todo instante e que nunca nos atrevemos a admitir, e que só tem atualidade antes de sua consumação: é a morte, o verdadeiro critério... E é ela, a dimensão mais íntima de todos os seres vivos (CIORAN, 2011a, p. 23).

Atestamo-la em nós próprios, por que ela é, antes de tudo, a essência<sup>3</sup> o ser humano, ela e o Nada são os qualitativos da existência. É essa verificação que enxergamos em nós que a torna como o preceito de uma existência marcada pelo sofrimento. Daí seu caráter íntimo que se perfaz em cada homem, e o que nos torna reféns de nossas próprias angústias.

Uma obra de bastante relevância para o pensamento cioraniano escrita na sua velhice indica um grande fechamento do problema da morte em seu pensamento. *O do inconveniente de ter nascido* é um trabalho que a morte é tratada com total empenho pelo autor. Tanto a questão da morte como o do nascimento são extensivamente trabalhados pelo filósofo.

Sobre a questão do nascimento, o pensador esbarra neste fato de uma forma mui pessimista. Acerca deste evento sombrio: “Nada prova melhor até que ponto a humanidade se encontra em regressão do que a impossibilidade de encontrar um único povo, uma única tribo, em que o nascimento ainda provoque luto e lamentações” (CIORAN, 2010, p.7). Tal evento é tão escuso, penumbroso, lamentoso que é passível de uma tristeza profunda e perceptível por toda vida.

O nascer causa grande tristeza em todos os seres humanos daí a nossa propensão absoluta ao desespero, a melancolia e ao tédio. Nascer é sinônimo de sofrer, de se lamentar o fato de vir ao mundo. Sobre esta dor de nascer:

Nos escritos budistas, surge frequentemente a questão do ‘abismo do nascimento’. Trata-se efectivamente de um abismo, de um precipício, onde não se cai, de onde, pelo contrário, se emerge para grande prejuízo de todos nós (CIORAN, 2010, p. 32)

Este abismo que o nascimento causa se dá a partir da constatação da inutilidade de nossas existências, do fato irrefutável de que padeceremos perante em vida.

---

3. Por considerarmos a impossibilidade de um atributo essencial de existência em Cioran, não há uma essência aos moldes da metafísica grega e medieval. Cioran rompe com a metafísica a medida que vai afirmando o status trágico da existência. Assim explica MENEZES: Como assinala Joan M. Marín, “o discurso cioraniano é evidentemente antiparmenídico à medida que, para o romeno, a existência em geral carece dos atributos do ser [...], e o nada não apenas é – e podemos falar dele – como também o descobrimos como um dos constituintes essenciais da existência.” A afirmação serve para demarcar a divisa fundamental de um logos que, se tende a ser posto sob suspeita por conta de sua heterodoxia, nem por isso carece de paternidade legítima na história da filosofia (MENEZES, 2016, p. 60).

### 3 | MORTE E NIILISMO

Dada a conceituação da morte em Cioran, torna-se essencial tipificar a categoria principal de seu pensamento, o seu niilismo.

Uma filosofia pautada pela questão do Nada, pelo ataque a tudo que rodeia a existência, pelo princípio de que não vale a pena empenhar-se em coisa alguma. Eis a filosofia cioraniana. O seu niilismo é uma monomania pela questão do existir. Do objeto da filosofia cioraniana, Pecoraro (2004, p. 33): “A existência é uma das obsessões de Cioran. Ferida aberta, chaga, inexplicável presença. Tentação real e sempre à venir<sup>4</sup>, miserável e fascinante”. A vida é esta mescla de caracterizações, este embolado de contradições a tornam como uma existência impossível de ser vivida sem sofrimento. Mas é tido como unanimidade por todos aqueles que tocam a obra cioraniana, seja para enxergar uma nova visão de mundo, seja para dedicar-se a pesquisa e a construção de comentários acerca de seu constructo, que a existência é definida como péssima, que este é o pior mundo possível que seria melhor para todos que não tivéssemos nascidos, que não há um paliativo possível para aliviar o fardo de ter nascido e o peso exercido na consciência pelo fato irrefutável da infelicidade tornar a vida estéril.

A construção filosófica de Cioran coloca-o no rol dos maiores niilistas do século XX, ou como sugerido por alguns jornais da época do seu reconhecimento como filósofo, o maior do século XX. Toma-se como consenso que a figura do pensador romeno é a mais pessimista da história da filosofia e da literatura, como diz Redyson (2011, p. 53): “Cioran é na verdade o mais pessimista dos filósofos e mais trágico que toda a poesia e literatura já viu”. Esta caracterização como o maior pessimista de todos os tempos revela a dificuldade do seu pensamento e o certo obscurantismo que rodeia-o, especialmente, por não ser um filósofo tão estudado nas academias de todo o mundo.

Esta designação de pessimista também é corroborada pela denominação de niilista de forma que seu niilismo e pessimismo completam-se se tornando uma só construção filosófica, não obstante, o ceticismo, a negação profunda inerente a seus livros tornam-o como um pensador sumariamente niilista.

Para Cioran, o pensar não pode estar atrelado a sistemáticas e desenvolvimentos lógicos, para ele o pensar é pensar e nada mais... Cioran tem um fascínio pelo pior, sua fantástica investida contra o mundo e sua devida criação representa um afastamento de qualquer teoria do absoluto onde, neste mundo, nada pode estar resolvido. Para Cioran, o mundo só pode oferecer o pior porque ele foi gerado nesta perspectiva. (REDYSON, 2011, p. 61).

O pensamento obcecado pelo Nada, pela descaracterização de qualquer verdade dita absoluta, por quaisquer vestígios de esperança, pela negação de qualquer certeza, pelo descontentamento com Deus, consigo e com o mundo é o que torna a

4. A tradução mais aproximada para este termo na língua portuguesa, é o correspondente: próximo, aproximado, perto de algo ou alguma coisa. No contexto da frase, significa uma tentação que está a vir, que se aproxima, que pode chegar a qualquer momento.

análise cioraniana de mundo e de vida o constructo mais péssimo da história. Assim explica Cioran (2011a, p. 135): “Quando deve começar a nossa felicidade? A partir do momento em que nos convenceremos de que a verdade não pode existir. Pois nela, toda modalidade de salvação é possível, mesmo se por intermédio do Nada”. Este é o caminho para viver sem estar preso a ilusões, renunciar a qualquer verdade e atestar a sua falsidade. A ilusão causada pela verdade acaba-nos tornando como seres presos a utopias e as falsas formas de salvação – se é que existe uma -, e acabamos por acreditar que há uma salvação nesta terrível existência, o que não é possível dada a essência caída do ser humano e a impossibilidade da felicidade, da aceitação do otimismo enquanto visão de mundo a capacidade do Nada ser esta categoria fundamental. Na égide do pensamento cioraniano, há a negação absoluta de tudo, uma negação tão profunda que torna qualquer resquício de verdade em mero espectro que qualquer conceituação sobre o Nada aniquila instantaneamente.

O Nada em Cioran é expresso de maneira lírica e filosófica. É assim expresso:

O nada, que é o ser e o todo, diante do qual Cioran hesita, recua, cala-se, é semelhante a esses rastros que jamais acabarão de nos angustiar. O nada é um buraco negro, é puro abismo e pura vertigem, é presença inexplicável que a si própria. É o vazio. Um aporético tipo de vazio, no qual os agulhões (então: pode haver algo ali?) da melancolia, do tédio, da tristeza, da ausência de esperança, da paralisia não cessam de torturar. Sintomas, estranhos ‘fenômenos’, ‘eventos’ que advêm do ‘nada e ao nada retornarão’, depois de ter deixado as suas marcas sangrentas no corpo e no espírito iniciado, caído no tempo e condenado a morrer sem poder morrer. (PECORARO, 2004, p. 162).

O Nada é expresso em termos de totalidade, de forma que, Ele representa o fundamento da existência e do que está para além dela. Saber que o Nada torna tudo desprovido de qualquer significação é o que nos coloca perante a uma angústia irreparável. Estamos jogados perante a nulidade da existência, o que torna a vida como um vórtice de desespero, sofrimento, inanidades e desprovido de conceituações positivas. O Nada em Cioran é o centro único e insubstituível que a partir dele, a existência desconfigura-se enquanto portadora de um sentido. Assim é definido por Cioran (2011 d, p. 59): “Sem Deus tudo é nada; e Deus? Nada supremo”. A revelação deste aforismo indica quanto o teórico romeno considerava a importância do Nada para fundamentar tudo, e para indicar que não há nada além deste tudo que o Nada fundamenta.

O pensamento cioraniano é um constructo complexo que se caracteriza pelo duplo viés presente em sua obra: o literário e o filosófico. É um filósofo capaz de ser pessimista, niilista e cético ao mesmo tempo, na forma que combina a sua escrita a uma visão de mundo que é considerada a mais terrível já vista na literatura e na filosofia. (Cf. REDYSON, 2011, p. 12)

O niilismo tipifica as coisas como res sem uma substância, sem uma essência definitiva sem uma possibilidade de existir enquanto atributo metafísico, idealista ou espiritual. Sendo assim, não há no mundo ou nas coisas, uma só essência, que não

seja o Nada Sobre esta questão:

“Tudo é desprovido de fundamento e de substancia”; nunca repito para mim próprio esta frase sem sentir qualquer coisa que se assemelha à felicidade. O que me aborrece é a quantidade de vezes em que não consigo repeti-lá (CIORAN, 2010, p. 66).

Tal afirmação causa alegria, um contentamento pelo fato, de quando atestada a falta e fundamento, de um sistema, de um sentido, dissipam-se todas as ilusões. Essa alegria proposta por Cioran é por saber que a existência não há sentido e que, de certa forma, não foi possível ser enganado por falsas sensações que provocam uma revelação de um caminho para a existência.

Esta verificação da falta de uma concretude das coisas põe em cheque, todos os sistemas filosóficos que já surgiram durante a história. A atividade relevadora joga o ser humano a um tédio existencial profundo. Sobre a falta de sentido, Cioran afirma:

Que tudo seja desprovido de consistência, de fundamento, de justificação, é algo que estou habitualmente tão convencido que aquele que ousar contradizer-me, mesmo, que se trate do homem que mais estimo, me parecerá um charlatão ou um idiota (CIORAN, 2010, p. 10)

O niilismo cioraniano é a verificação da falta de sentido, do ataque a todos os ideais e verdades. Tal niilismo é uma nova forma de interpretação do problema do sentido da existência, do mundo e das coisas.

## 4 | CONCLUSÃO

A sua filosofia caracteriza-se por abordar temas como o sofrimento, a morte, o desespero, e a questão do Nada. No seu constructo filosófico, há uma obsessão pelo Nada e de como essa categoria fundamental constitui o fundamento do mundo e das coisas. Tal obsessão caracteriza-se por um niilismo passivo, ou seja, é uma filosofia que só visa atestar as mazelas da existência sem propor soluções ou paliativos para estes males. Outro fato interessante é que Cioran distingue de todos os filósofos niilistas e pessimistas por afirmar que não há algo em que possamos nos apegar nesta vida, tudo não passa de uma ilusão, e de que é melhor não se empenhar em nada.

A morte em Cioran é interpretada em sentido de totalidade e de maneira lírica. A morte é um evento que nos causa contentamento e tristeza ao mesmo tempo, contentamos ao saber que deixaremos um dia esta existência, mas tristeza pelo fato que o finamento traz em si, a tristeza e a melancolia.

## REFERÊNCIAS

CIORAN, Emil M. **A tentação de existir**. Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'Água, 1988. 185 p.

- \_\_\_\_\_. **Antologia do retrato**: De Saint-Simon a Tocqueville. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998. 251 p.
- \_\_\_\_\_. **Breviário de decomposição**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011 a. 222 p.
- \_\_\_\_\_. **Exercícios de admiração**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011. 159 p.
- \_\_\_\_\_. **Do inconveniente de ter nascido**. Trad. Manuel de Freitas. Lisboa: Letra Livre, 2010. 188 p.
- \_\_\_\_\_. **História e utopia**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011 b. 127 p.
- \_\_\_\_\_. **Nos cumes do desespero**. Trad. Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2011 c. 153 p.
- \_\_\_\_\_. **O livro das ilusões**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. 222 p.
- \_\_\_\_\_. CIORAN, Emil M. **Silogismos da amargura**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011 d. 111 p.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a França**. Trad. Luciana Persice Nogueira. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016. 119 p.
- FRANCO, Daniel. **Emil Cioran**: a crítica à ideia de progresso histórico. São Paulo: Garimpo editorial, 2016. 199 p.
- LINGI, Alphonso. **A vontade de potência**. In: Educação e realidade, 2003. 9 p. Disponível em: <[seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25657](http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25657)> Acesso em: 10 nov. 2017.
- MENEZES, R. I. R. S. **Existência e escritura em Cioran**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 538 f.
- MENEZES, R. I. R. S. **O animal enfermo**: Pessimismo antropológico e a possibilidade gnóstica na obra de Emil Cioran. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciências da religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 2007. 235 f.
- PECORARO, Rossano. **Nilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007. 64 p.
- PECORARO, Rossano. **Cioran**: a filosofia em chamas. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004, 247 p.
- PETEAN, Antonio Carlos Lopes. **Fanatismo, dúvida e suicídio em Cioran**. Jundiaí– SP: Paco editorial, 2015. 97 p.
- REDYSON, Deyve (Org.). **Emil Cioran e a filosofia negativa**: Homenagem ao centenário de nascimento. Porto Alegre: Sulina, 2011. 151 p.
- VOLPI, Franco. **O niilismo**. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 163 p.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE** - Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), pós-graduação em Administração Pública pela Faculdade Padre João Bagozzi (2008) é Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Assistente Social da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Paraná, atualmente é chefe do Escritório Regional de Ponta Grossa da Secretaria de estado da Família e Desenvolvimento Social, membro da comissão regional de enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, medidas socioeducativas, serviços socioassistenciais, rede de proteção e política pública de assistência social.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arqueologia 180, 182, 191

### C

Cinema 91, 92, 94, 95, 96, 97, 103, 104

Conselhos 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 43

Controle social 46

Cultura 5, 15, 25, 28, 35, 36, 91, 104, 105, 119, 120, 123, 144, 180, 189, 190, 191, 192, 231, 264

### D

Democracia 5, 31, 33, 38

Desigualdade 47, 56

### E

Estado 5, 1, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 24, 26, 32, 33, 34, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 52, 54, 60, 62, 63, 64, 85, 93, 94, 95, 99, 103, 104, 105, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 138, 153, 154, 157, 159, 162, 164, 169, 170, 174, 176, 177, 193, 194, 195, 197, 200, 201, 202, 206, 237, 238, 265, 267, 269, 278, 321

### F

Família 57, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74, 321

### G

Gênero 5, 39, 47, 56, 67, 73, 114

### H

Homofobia 78

### I

Identidade 5, 24, 162, 270, 271

Impeachment 15

Informação 35, 88, 232, 233, 242, 243, 244, 245, 247, 258, 259, 260, 295, 305, 308, 315, 319

## **M**

Morte 137, 296, 301

## **N**

Nação 24, 29, 115, 117, 177

Niilismo 304

## **P**

Pobreza 67

Poder 34, 167, 179

Preconceito racial 207

Produção de conhecimento 261

## **T**

Território 5, 155, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166

## **U**

Umbanda 207, 208, 217

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-514-3



9 788572 475143